

SABAHATTIN ALI
MADONA
COM CASACO
DE PELE

traduzido do turco por
Marco Syrayama de Pinto

Tabla

PREFÁCIO

PUBLICADO NA TURQUIA EM 1943, o romance escrito por Sabahattin Ali, *Madona com casaco de pele* (*Kürk Mantolu Madonna*), levou décadas para chamar a atenção do grande público. Sua fama cresceu na base do boca a boca. Hoje, Raif Efêndi e Maria Puder são personagens conhecidíssimos em diversos idiomas, espécie de Romeu e Julieta contemporâneos e redescobertos. Porém, como o próprio Ali indica no livro, ambos são, na verdade, inspirados em figuras presentes nas obras de Turguêniev — *Klara Mílitich* (*Depois da morte*) — e de Jakob Wassermann — *Der nie geküsste Mund* (*A boca nunca beijada*).

Mestre do conto e excelente poeta do modernismo e do realismo turco, Ali acabou se tornando mundialmente conhecido por seus dois romances: *Madona com casaco de pele* e *Kuyucaklı Yusuf* (*Yusuf de Kuyucak*), responsáveis por um grande número de inovações no gênero escrito em língua

turca. Entre as principais novidades estão a narrativa realista e a sofisticada construção psicológica dos personagens.

Progressista e socialista convicto, Ali também trouxe para dentro de sua obra literária as questões sociais de seu tempo. Seus textos são profundamente marcados pela turbulência que o autor enfrentou em vida: Primeira Guerra Mundial (1914–1918); Guerra da Independência Turca (1919–1923); mudança do Império Otomano em República da Turquia, em 1923, devido às reformas e às modernizações feitas por Kemal Atatürk; Segunda Guerra Mundial (1939–1945); perseguição política; e, por fim, censura.

Para Ali, arte e literatura eram capazes de produzir importantes transformações sociais. *Madona com casaco de pele* não foge à regra. O romance, atualmente considerado um clássico moderno da literatura turca e mundial, apresenta a história do jovem Raif, morador ocasional de uma Berlim decadente e atolada na crise política e econômica dos anos 1920. Em suas longas caminhadas, busca se deparar com a alma encantadora das ruas da grande metrópole europeia. Encontra-a em um autorretrato, ao visitar aleatoriamente uma exposição realizada em uma galeria de arte da cidade, na imagem de uma bela mulher em seu casaco de pele. A tela e sua autora, a artista Maria Puder, transformam a vida do jovem turco, leitor de Turguêniev e Theodor Storm, retirando-o da solidão do mundo das ideias e atirando-o na realidade das relações pessoais.

Assim, Ali indica a literatura como uma transição do jovem turco para a vida adulta. Leitor voraz, o tímido e frágil

Raif, ao mesmo tempo em que vai da pequena Havran para Istambul e de lá para Berlim, alterna suas leituras, que vão de Júlio Verne a Turguêniev. Nitidamente, conforme se transforma, ele também conquista a capacidade de se relacionar com uma mulher espetacular.

Madona com casaco de pele é, portanto, um romance realista do período entreguerras em Berlim, na caótica e já decadente República de Weimar. Como toda grande obra, a história de amor transcultural presente no texto de Sabahattin Ali é uma janela para um momento que marcou profundamente o mundo contemporâneo, atravessou décadas e segue assombrando nossos dias. Nele, a vida em uma sociedade polarizada e em constante crise — que desembocaria na ascensão do nazismo — é iluminada pelo encontro entre uma jovem extrovertida, assertiva, corajosa e independente e um homem tímido, inexperiente, hesitante, que vive da mesada enviada da Turquia pelo pai. Os dois constroem uma relação em que Maria está sempre um passo à frente de Raif, personagem que, por sua vez, torna-se mais maduro ao se relacionar com essa mulher extraordinária, produto de uma Berlim dos anos 1920, sem, entretanto, alcançá-la em sua constante evolução, “nos meios onde ela flui”.

Essa relação, segundo o escritor turco Kaya Genç, é “a mais refinada forma de atração”. Atração sobre a qual fala a escritora Susan Sontag, em seu ensaio “Notes on ‘Camp’”, quando comenta que “o que há de mais belo em homens viris é algo feminino; e o que há de mais belo em uma mulher fe-

minina é algo masculino”. Para Genç, esse conceito se aplica perfeitamente ao romance *Madona com casaco de pele*.

O encontro da encantadora jovem judia alemã, que não aceita ser submissa a ninguém, com um muçulmano tímido e medroso, que receia viver qualquer envolvimento amoroso para não sofrer depois, é construído magistralmente por Sabahattin Ali em meio ao cenário de uma sociedade dominada pela inflação, a carestia e o debate político polarizado. Uma Berlim em que muitos personagens se mostram, ao mesmo tempo, saudosistas e ansiosos pela chegada ao poder de um líder forte como o foi Bismark. Tal cenário dá ao livro uma atualidade impressionante, que reverbera hoje num contexto marcado pelo isolamento individual e o crescimento de forças políticas e sociais reacionárias. Sobretudo porque o caminho para o inevitável impasse dessa história de amor incorpora, de forma quase profética, a melancolia e o distanciamento dos nossos dias. A decadência ocidental da Berlim dos anos 1920 é apresentada aos leitores através dos olhos de um opaco e solitário jovem que se apaixona por seu oposto brilhante.

Também é imensa e comovedoramente atual a vida deste autor. Sabahattin Ali nasceu em 1907, na Bulgária, então parte do já decadente Império Turco-otomano. Tal como o personagem de seu livro, Ali passou dezoito meses em Berlim, cidade que deixou para ser tradutor e professor de alemão na província de Aydin, na Turquia. Lá, foi condenado à prisão. Seu crime: envenenar a cabeça dos jovens estudantes com perigosas ideias revolucionárias.

Depois de libertado, mudou-se para a cidade de Konya, também na Turquia. Lá, acabou novamente preso. Dessa vez, seu crime foi recitar um poema no qual criticava Mustafa Kemal Atatürk (1888–1938), fundador da República Turca e então líder daquele país.

Ameaçado de não poder mais ensinar, Sabahattin acabou coagido a provar que não voltaria a criticar o governo. Por essa razão, viu-se obrigado a publicar um poema intitulado “Meu amor”, no qual tecia elogios ao líder turco.

Socialista e tachado de traidor do país, Sabahattin Ali seguiu, apesar das prisões, trabalhando em instituições do governo turco. Foi um dos fundadores da famosa revista *Marco Paşa* (ou *Markopaşa*), periódico de sátira política. Em 1948, foi preso mais uma vez. Ao deixar a prisão, já não conseguiu emprego como professor ou jornalista. Tornou-se vítima dos movimentos fascistas e anticomunistas da Turquia, que perseguiam aberta e violentamente os adversários políticos. Temendo que sua situação se tornasse ainda mais insustentável, Ali decidiu deixar o país. Com a ajuda de um amigo, arrumou emprego como motorista de caminhão.

É nesse período que Sabahattin Ali é assassinado. O contrabandista Ali Erketin assumiu o crime declarando ter espancado o autor de *Madona com casaco de pele* até a morte em uma região próxima à fronteira da Bulgária, em abril de 1948. Erketin forneceu vários detalhes sobre o assassinato, porém, apesar de ter confessado o crime, permaneceu apenas algumas semanas preso.

Hoje, acredita-se que Sabahattin morreu durante interrogatórios e sessões de tortura do Serviço de Segurança Nacional da Turquia. O corpo do autor e alguns dos itens que teriam pertencido a ele acabariam sendo encontrados em um local próximo à região indicada por Erketin, porém seus restos mortais e seus pertences foram levados pelo governo turco para testagem e, até os dias atuais, a filha de Sabahattin, Filiz Ali, aguarda o retorno desses itens e o resultado das investigações. Ainda hoje, Sabahattin Ali não possui uma sepultura.

Nos últimos anos, depois de se tornar um *best-seller* na Turquia, tanto a história de Raif Efêndi e Maria Puder, como a terrível perseguição sofrida por Sabahattin Ali, ganham contornos cada vez mais nítidos de certa presciência sobre amor, separação e isolamento.

Renato Roschel

São Paulo, janeiro de 2021

MADONA
COM CASACO
DE PELE

DE TODAS AS PESSOAS com quem topei na vida, ninguém causou maior impressão em mim do que Raif Efêndi. Meses já se passaram e ele ainda povoa meus pensamentos. Quando estou sentado sozinho, vejo seu rosto franco, o olhar distante, mas sempre disposto a saudar com um sorriso quem cruzasse seu caminho. Ele não era um homem extraordinário. Na verdade, era bem comum, sem qualquer traço especial, semelhante às centenas de outras pessoas com as quais nos deparamos e que deixamos de notar todos os dias. Não havia nada em sua vida, pública ou privada, que despertasse curiosidade. No fim das contas, era o tipo de indivíduo que nos leva a perguntar: “Com que propósito vive? O que espera da vida? Que lógica o impele a continuar respirando? Que filosofia o anima enquanto vagueia pela terra?”. Mas essas são perguntas vãs, se nos limitamos a olhar somente a superfície, se ignoramos que por baixo dela jaz outro reino, onde uma mente engaiolada se

inquieta sozinha. É mais fácil, talvez, desconsiderar um homem em cujo rosto não há indicação de vida interior. E que lamentável é tal coisa: bastaria uma pequena dose de curiosidade para descobrirmos tesouros nunca suspeitados. Dito isso, raramente buscamos aquilo que não esperamos encontrar. Coloque um herói no antro de um dragão e sua tarefa será evidente. Há, no entanto, heróis de outra ordem: aqueles que têm a coragem de descer em um poço sobre o qual nada sabemos. Esse, com certeza, não foi o meu caso: conheci Raif Efêndi por pura coincidência.

Depois de perder meu modesto emprego em um banco — ainda ignoro a razão, disseram que se tratava de corte de gastos, mas uma semana depois já tinham contratado outra pessoa para ocupar meu posto —, passei um bom tempo à procura de trabalho em Ancara. Minhas escassas economias me sustentaram durante o verão. Conforme o inverno se aproximava, eu sabia que os dias de dormir no sofá de amigos logo chegariam ao fim. Meu “cartão alimentação” se esgotaria em uma semana e eu não tinha nenhuma condição de renová-lo. Cada entrevista de emprego malsucedida exauria minhas esperanças, mesmo sabendo de antemão que as chances eram mínimas. Escondido dos amigos, eu ia de loja em loja em busca de emprego como vendedor. Após ser rejeitado por todas, perambulava desesperado pelas ruas durante a noite. Às vezes, amigos me convidavam para jantar, no entanto, mesmo na companhia deles, desfrutando de comida e bebida, não conseguia esquecer minha desgraça. E o que era

mais estranho: quanto mais a situação piorava, quanto menos certeza eu tinha de estar vivo no dia seguinte, mais aumentavam minha vergonha e relutância em pedir ajuda. Quando encontrava um amigo na rua — alguém que no passado se animara a sugerir outros lugares para eu trabalhar —, passava rapidamente por ele, cabisbaixo. Eu não era mais o mesmo nem com amigos com os quais me sentia, anteriormente, à vontade para pedir alguma coisa para comer ou algum dinheiro emprestado. Quando me perguntavam como eu estava, dava um sorriso desajeitado e respondia: “Nada mal... Faço uns bicos aqui e ali”. E em seguida me retirava. Quanto mais precisava dos amigos, mais me esquivava deles.

Um fim de tarde, saí caminhando pela rua tranquila localizada entre a estação e a Sala de Exposições, aspirando as belezas do outono de Ancara, na esperança de que isso me animasse. O sol refletido nas janelas da Casa do Povo perfurava o prédio de mármore branco com buracos cor de sangue. Sobre as mudas das acácias e dos pinheiros pairava uma nuvem de fumaça que bem poderia ser poeira ou vapor, e um grupo de trabalhadores em andrajos, voltando de algum canteiro de obras, avançava curvado e em silêncio pelo asfalto com marcas de pneus... Tudo parecia contente por existir. Tudo estava em seu lugar. Pensei que não havia mais nada a fazer. Nesse mesmo instante, um carro passou por mim. Olhando o motorista de relance, julguei reconhecê-lo. O carro parou um pouco mais adiante e a porta se abriu. Hamdi, um colega dos tempos de escola, pôs a cabeça para fora e me chamou.

Aproximei-me dele.

“Para onde você está indo?”, perguntou.

“Para lugar nenhum. Estou apenas dando uma volta.”

“Então entre! Vamos para a minha casa!”

Sem esperar por minha resposta, ele me fez entrar no carro. No caminho, Hamdi me explicou que estava voltando de uma série de visitas às fábricas que pertenciam à firma na qual trabalhava: “Já enviei um telegrama para casa avisando quando chegaria. Portanto, estão me esperando. Caso contrário, nunca teria ousado convidar você”.

Sorri.

Hamdi e eu costumávamos nos encontrar com certa frequência, mas desde que perdi o emprego não o vi mais. Eu sabia que ele estava ganhando bem como assistente do diretor numa firma que comercializava maquinários, e que também atuava no setor de silvicultura e madeira. Foi exatamente por isso que não o procurei depois de ficar desempregado: temi que ele pensasse que eu pediria dinheiro emprestado, e não um trabalho.

“Você ainda está no banco?”, perguntou.

“Não”, disse, “saí de lá”.

Ficou surpreso.

“E agora, onde você está trabalhando?”

“Estou desempregado”, respondi a contragosto.

Ele me olhou de cima a baixo, analisou minha roupa e minha aparência. Depois, para mostrar que não estava arrependido de ter me convidado para ir à sua casa, sorriu e me

deu um tapinha cordial nas costas. “Não se preocupe! Vamos discutir isso à noite e encontraremos uma solução.”

Hamdi parecia confiante e satisfeito consigo mesmo. Afinal de contas, agora podia se dar ao luxo de ajudar os amigos. Que inveja!

Morava numa casa pequena, mas aconchegante. Sua esposa era simples e amável. Beijaram-se sem embaraço. Em seguida, Hamdi me deixou e foi se lavar.

Como meu amigo não me apresentara a sua mulher, fiquei em pé no meio da sala sem saber o que fazer. Enquanto isso, ela se demorava à porta, analisando-me furtivamente. Parecia estar pensando em algo. Talvez em me convidar para sentar. Por fim, acho que mudou de ideia e se afastou.

Eu me perguntava por que Hamdi tinha me deixado ali daquele jeito. Ele sempre foi muito atencioso com essas coisas — atencioso até demais. Acreditava que esse era um ingrediente necessário para o sucesso. Talvez esta seja uma característica das pessoas que alcançaram posições de importância: comportar-se de maneira deliberadamente desatenta na presença de velhos (e malsucedidos) amigos. Começar a utilizar um paternal e humilde “você” com quem até ali tratara por “senhor”. Sentir-se no direito de interromper um amigo no meio de uma fala para fazer-lhe uma pergunta desnecessária, muitas vezes acompanhada de um sorriso meigo e compassivo... Eu encontrara esse comportamento tantas vezes nos últimos dias que nem sequer me passou pela cabeça ficar zangando com Hamdi. Tudo que eu queria era me livrar

daquela situação. Foi então que uma velha aldeã de avental branco, véu na cabeça e meias pretas remendadas entrou em silêncio trazendo café. Sentei-me em uma das poltronas — roxa, com flores bordadas com fios de prata — e olhei em volta. Na parede havia fotografias da família e de artistas de cinema. Na estante, que claramente pertencia à esposa, viam-se muitos romances baratos e revistas de moda. Embaixo de uma mesa de apoio havia uma pilha de álbuns que pareciam bastante folheados pelas visitas. Não sabendo o que fazer, peguei um deles, mas, antes de poder abri-lo, Hamdi apareceu à porta. Enquanto penteava o cabelo molhado com uma mão, com a outra abotoava a camisa branca de colarinho aberto ao modo ocidental.

“E então?”, disse. “Conte-me as novidades!”

“Não tenho mais nada a dizer além do que já falei.”

Ele parecia contente por ter me encontrado; talvez por poder me mostrar a que nível havia chegado. Ou, ao olhar para mim, sentia-se feliz por não ser como eu. Quando um infortúnio aflige pessoas com quem já convivemos, costumamos sentir alívio, como se acreditássemos ter sido poupados e, ao nos convenceremos de que sofrem em nosso lugar, sentimos compaixão por essas pobres criaturas. Foi mais ou menos nesse tom que Hamdi me perguntou: “Você ainda escreve?”

“Às vezes... poemas, histórias...”

“E há algum proveito nisso?”

Sorri de novo.

“Abandone essas coisas, meu amigo!”

Em seguida, disse em tom professoral que se eu quisesse ter êxito na vida deveria ser prático, e que ocupações inúteis como a literatura eram prejudiciais depois de concluídos os estudos. Falava comigo como se eu fosse uma criança, sem considerar a possibilidade de que eu pudesse ter algo a dizer. Também não se intimidou em deixar claro que seu êxito profissional lhe dera coragem. Fiquei ali sentado, com um sorriso que com certeza parecia muito tolo e que apenas contribuía para que ele se sentisse ainda mais confiante.

“Venha me ver amanhã de manhã”, disse. “Pensaremos em alguma coisa para você. Sei que é um rapaz inteligente. Era bastante preguiçoso também, mas isso não importa. A vida e a necessidade são as melhores professoras... Não esqueça... e chegue cedo!”

Hamdi, pelo jeito, tinha se esquecido completamente de que fora um dos garotos mais preguiçosos da escola. Ou então tomava essas liberdades porque sabia que eu não iria contradizê-lo abertamente.

Quando ele fez menção de levantar-se da cadeira, ergui-me num salto e estendi a mão, me despedindo.

“Com sua licença”, eu disse.

“Mas por quê? Ainda é cedo, meu amigo... Mas você é quem sabe.”

Só então me lembrei de que ele havia me convidado para jantar. Tinha me esquecido completamente. Mesmo assim, fui em direção à porta.

“Por favor, queira apresentar meus cumprimentos a sua esposa”, falei enquanto pegava o chapéu.

“Ah sim, sim. E não esqueça, venha me visitar amanhã! E até lá, não fique desanimado”, disse, e deu mais um tapinha nas minhas costas.

Já estava bem escuro quando eu saí. Os postes da rua estavam acesos. Respirei fundo. Havia poeira no ar, mas eu o sentia espetacularmente limpo e refrescante. Caminhei sem pressa para casa.

Na manhã do dia seguinte, fui ao escritório de Hamdi, embora não tivesse nenhuma intenção de fazê-lo ao sair de sua casa na noite anterior. Afinal, ele não fizera nenhuma proposta clara. Todas as pessoas às quais eu pedia ajuda se despediam com as mesmas palavras: “Vou pensar em alguma coisa e ver o que posso fazer por você”. Apesar disso, fui. E não era a esperança que me impelia, mas o desejo de ser insultado. Eu dizia para mim mesmo: “Ontem à noite, você ficou sentado quieto. Permitiu que ele agisse como seu benfeitor, não foi? Agora vá até o fim, por mais amargo que seja! É o que você merece!”

O atendente me levou primeiro a uma pequena sala de espera. Quando entrei no escritório de Hamdi, senti, no rosto, o mesmo sorriso tolo e me odiei ainda mais por isso.

Hamdi estava ocupado com papéis empilhados diante dele na mesa, e com funcionários entrando e saindo de seu escritório. Com um aceno de cabeça me indicou uma cadeira e continuou a trabalhar. Eu, sem coragem de cumprimen-

tá-lo, obedeci e fui me sentar. Minha confiança diminuiu a ponto de me deixar atordoado, como se ele fosse meu chefe de verdade; e eu, sinceramente, considerava esse tratamento normal. Que grande abismo se abrisse entre mim e meu antigo colega de escola desde o momento em que ele me convidara para entrar em seu carro, pouco mais de doze horas antes! Quão ridículos, quão absurdos, quão vazios são os motivos que regem as relações entre as pessoas, e especialmente quão pouco têm a ver com a verdadeira humanidade!

Nem Hamdi nem eu mudamos desde ontem à noite. Éramos quem éramos. Mas, depois de descobrir algumas coisas sobre nós, permitimos que esses mínimos detalhes nos desviassem para caminhos divergentes... O mais estranho de tudo foi nós dois aceitarmos essa mudança em nossa relação e até a considerarmos natural. Eu não estava zangado nem com Hamdi nem comigo mesmo. Simplesmente queria não estar ali.

Num momento em que o escritório ficou vazio, ele anunciou, erguendo a cabeça: “Achei um emprego para você!”. Em seguida, encarando-me com aqueles olhos intrépidos e expressivos, acrescentou: “Ou melhor, inventei um emprego para você! Não vai ser nada cansativo. Seu trabalho será acompanhar nossas transações com diversos bancos, especialmente com nosso próprio banco... Sua tarefa seria mais ou menos a de um articulador, um intermediário entre a empresa e os bancos... e, quando não tiver nada para fazer, pode cuidar das suas coisas... escrever quantos poemas quiser... Já

falei com o diretor, vamos contratá-lo... só não temos como lhe oferecer muito por enquanto: quarenta ou cinquenta liras. Mais adiante, podemos lhe dar um aumento, naturalmente. Então é isso! Ao sucesso!”

Estendeu a mão sem se levantar. Retribuí o gesto e agradei. Seu rosto irradiava uma satisfação sincera por ter me feito aquela gentileza. Pensei então que, na verdade, ele não era um mau sujeito, apenas fazia o que sua posição requeria, e que talvez isso fosse realmente necessário. No entanto, por um momento, quando saí do seu escritório, senti-me tentado a abandonar aquele lugar imediatamente, em vez de ir até o local que ele me indicara. Mas acabei me arrastando, de cabeça baixa, pelo corredor, e perguntando ao primeiro funcionário que vi se poderia me mostrar onde ficava a sala do tradutor Raif Efêndi. Ele fez um gesto vago e seguiu em frente. De novo, me detive. Por que simplesmente não sumia dali? Seria incapaz de sacrificar um salário de quarenta liras? Tinha medo de ofender Hamdi? Não! Eu estava desempregado havia meses. Se fosse embora dali, sairia sem perspectivas, sem saber para onde ir... e totalmente desencorajado. Foram esses pensamentos que me mantiveram no corredor escuro à espera de outro funcionário que pudesse me ajudar.

Por fim, abri uma porta qualquer e vi Raif Efêndi lá dentro. Não o conhecia, mas ao ver um homem debruçado sobre a mesa deduzi que fosse ele. Mais tarde, eu me perguntei como havia chegado a tal conclusão. Hamdi dissera: “Providenciei para você uma mesa no escritório do nosso tradu-

tor Raif Efêndi. É um homem de bom coração e muito quieto. Totalmente inofensivo”. Numa época em que todo mundo se tratava por “senhor” ou “senhora”, ele ainda era conhecido como Raif *Efêndi*. Talvez tenha sido a imagem evocada por essa descrição o que me levou a acreditar que aquele homem grisalho, de barba crescida e óculos de tartaruga, fosse ele. Entrei.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim com um ar distante. Perguntei: “Você deve ser Raif Efêndi, não?”

Por um instante, ele me observou. Depois, com voz suave e quase medrosa, disse: “Sim. E o senhor deve ser o novo funcionário. Agora há pouco vieram instalar a sua mesa. Bem-vindo! Entre!”

Sentei-me à minha mesa. Examinei os rabiscos e as leves manchas de tinta no tampo. Como é costume fazer quando se está sentado diante de um estranho, eu queria analisá-lo. Lancei olhares furtivos para formar minhas primeiras — e, obviamente, errôneas — impressões. Ele, no entanto, não tinha o mesmo desejo; simplesmente voltou a se debruçar sobre seu trabalho e prosseguiu como se eu não estivesse ali.

Foi assim até o meio-dia. A essa altura, eu já o olhava abertamente, sem medo. Tinha o cabelo cortado rente e começava a ficar calvo no topo da cabeça. A pele entre as orelhas pequenas e o pescoço estava bastante enrugada. Os dedos longos e finos vagavam de um documento para outro enquanto ele fazia suas traduções, sem nenhum sinal de impaciência. Às vezes erguia os olhos, como se procurasse a palavra exata,

e, quando nossos olhares se encontravam, fazia uma expressão que lembrava um sorriso. Parecia velho quando visto de cima ou de lado, mas tinha uma inocência encantadora e infantil quando sorria. Seu bigode loiro aparado intensificava esse efeito.

Quando estava saindo para almoçar, eu o vi abrir uma gaveta de sua mesa e tirar uma marmita e um pedaço de pão envolto em papel. Desejei “bom apetite” e deixei o escritório.

Passamos dias sentados um diante do outro, mas pouco conversamos. Eu já conhecia alguns funcionários de outros departamentos, com os quais saía à noite para jogar gamão nos cafés. Foi por intermédio deles que fiquei sabendo que Raif Efêndi era um dos empregados mais antigos da empresa. Antes da abertura da firma, atuava como tradutor no banco que agora pertencia a ela. Ninguém se lembrava de quando ele começara lá. Diziam que sua família era numerosa e que seu salário cobria apenas o básico. Quando perguntei por que não lhe davam um aumento, considerando que era um empregado antigo em uma firma que esbanjava dinheiro a torto e a direito, os jovens funcionários riram: “Porque ele é lerdo! Nem temos certeza se é bom mesmo em línguas!”. Mais tarde, descobri que seu alemão era excelente e suas traduções eram corretas e elegantes. Traduzia com facilidade uma carta sobre um maquinário de serraria, sobre peças avulsas ou então sobre as características das madeiras de freixo e de pinheiro provenientes do porto de Sušak, na Iugoslávia. Quando traduzia contratos e especificações do turco para o alemão, o

diretor da empresa as despachava sem hesitar. Nas horas vagas, abria sua gaveta e lia o livro que mantinha ali, sem pressa e sem tirá-lo de lá. Um dia lhe perguntei: “O que é isso, Raif Bey?”. Ele enrubesceu como se tivesse sido apanhado fazendo algo errado e gaguejou: “Nada... é só um romance alemão”. E fechou a gaveta. Apesar disso, para os funcionários da firma era pouco provável que ele soubesse outras línguas. Talvez tivessem razão, pois não havia nada que sugerisse o domínio de outro idioma. Nenhuma palavra estrangeira jamais saiu de sua boca. Ele nunca mencionou nada a respeito, não andava com revistas ou jornais de outros países. Em suma, não era o tipo de homem que revela seus conhecimentos em francês. Para piorar, o fato de ele não pedir aumento de salário com base em seu conhecimento e de não procurar outro emprego que pagasse mais reforçava a opinião que tinham a seu respeito.

Todos os dias, chegava pontualmente ao trabalho, almoçava no escritório e, depois de comprar alguns mantimentos, voltava direto para casa. Eu o convidei algumas vezes para ir ao café comigo, mas ele nunca aceitou. “Estão me esperando em casa”, dizia. Ele deve ser um pai de família feliz, pensava eu, correndo para se reunir com a esposa e os filhos em casa. Por fim, descobri que não era bem assim, mas relatarei tudo mais adiante. Seus muitos anos de trabalho árduo não impediram que fosse desprezado na firma. Se nosso amigo Hamdi achasse um minúsculo erro tipográfico nas traduções de Raif Efêndi, logo chamava o pobre homem. Às vezes vi-

nha até nossa sala para repreendê-lo. Hamdi era sempre mais cauteloso com os outros funcionários. Ciente de que cada um deles devia seu emprego a conexões de família, não pretendia arrumar problemas. Porém ralhava com Raif Efêndi em um tom de voz alto o bastante para todo o prédio ouvir. Bastava que uma tradução estivesse algumas horas atrasada. Fazia isso porque sabia que Raif Efêndi nunca ousaria enfrentá-lo. Existe embriaguez mais doce do que exercer força e autoridade sobre alguém de sua própria espécie? Trata-se, contudo, de um prazer raro, que deve ser calculado cuidadosamente e usado somente com certo tipo de pessoa.

Raif Efêndi ocasionalmente caía doente e se ausentava do escritório. Na maioria das vezes era apenas um resfriado, mas um episódio de pleurisia alguns anos antes redobrou sua cautela. Bastava um leve resfriado para ele se trancar em casa. Quando voltava a sair, usava várias camadas de agasalho. No escritório, não deixava que abrissem as janelas e à noite se embrulhava até as orelhas em cachecóis. Não saía para a rua sem antes esticar ao máximo a aba do casaco grosso e um pouco puído. Mesmo quando estava doente, porém, não negligenciava o trabalho. Um contínuo entregava em sua casa todos os documentos que deveriam ser traduzidos e os recolhia algumas horas depois. Mesmo assim, sempre que Hamdi ou o diretor o admoestavam, era como se lhe dissessem: “Não esqueça a compaixão que temos por você! Apesar de suas constantes faltas em razão de doença, não o mandamos embora!”. Eles nunca perdiam a oportunidade de jogar isso

na cara dele. Quando o pobre homem voltava, depois de uma ausência de muitos dias, em lugar de lhe desejarem saúde, faziam comentários mordazes: “E aí, como vai? Espero que essa tenha sido a última vez, não?”

Nesse meio-tempo, também comecei a me cansar de Raif Efêndi. Eu não ficava muito no escritório. Passava a maior parte do tempo com minha pasta de documentos indo de banco em banco ou nas diversas instituições governamentais das quais tínhamos recebido pedidos. Às vezes passava parte do dia na minha mesa organizando os documentos antes de entregá-los ao diretor ou a seu assistente. Mesmo ficando pouco tempo no escritório, me agoniava aquela figura exasperante sentada inerte diante de mim, traduzindo sem parar, isso quando não estava lendo seu “romance alemão” dentro de uma gaveta. Ele era, pensei, tímido demais para ousar explorar a própria alma, que dirá expressá-la. Para mim, tinha tanta vida interior quanto uma planta. Feito um robô, ia para o escritório todas as manhãs, fazia seu trabalho, lia seus livros com uma cautela incompreensível, e à noite fazia compras e voltava para casa. Ao que parece, esse torpor diário, que já se estendia por muitos anos, só fora interrompido por suas doenças. De acordo com meus novos amigos, ele sempre foi assim. Ninguém se lembrava de tê-lo visto, uma vez que fosse, animado com alguma coisa. Mesmo diante da acusação mais infundada e injusta, respondia com um olhar calmo, inexpressivo; quando pedia à secretária para datilografar uma tradução, sempre agradecia com o mesmo sorriso idiota.